Uisquisito, em Estado de Malandragem:
Quando o Riso se Transforma em Ameaça

Montagem Teatral: Uisquisito, em Estado de Malandragem

Pesquisa: Romana Melo e Larissa Latif

Karine Jansen[1]

Um palhaço feminicida! Chocante, perturbador, esquisito! Essas são as primeiras imagens que me atravessaram ao assistir ao espetáculo **Uisquisito, em Estado de Malandragem**, solo de Romana, sob a direção de Larissa Latif.

Confesso que a imagem inicial da agressão praticada pelo palhaço me impactou profundamente, a ponto de comprometer minha disponibilidade afetiva para acompanhar um espetáculo de palhaçaria. Não conseguia rir. E talvez seja justamente aí que resida uma das maiores provocações da encenação: o que acontece quando o palhaço, historicamente associado ao riso, à ingenuidade e à transgressão, se transforma em uma figura ameaçadora?

Na tradição da palhaçaria, o palhaço é aquele que fracassa, que expõe suas fragilidades, que revela o ridículo das convenções sociais. Sua potência está na inadequação. Jacques Lecoq, ao investigar o território do clown, reconhece na exposição do próprio ridículo uma possibilidade de encontro com a humanidade. O palhaço não precisa ser engraçado o tempo inteiro, mas sua presença estabelece uma relação singular de cumplicidade com o espectador.

Em **Uisquisito**, essa cumplicidade parece ser violentamente interrompida.

A figura embriagada do palhaço, atravessada por depoimentos em áudio, desloca a comicidade para um território de violência, desconforto e vulnerabilidade. O álcool, a malandragem e a masculinidade passam a compor uma imagem perturbadora, que evoca comportamentos socialmente naturalizados em uma sociedade marcada pelo machismo.

Como mulher brasileira, reconheço nesse território uma vulnerabilidade que também me pertence. A violência contra as mulheres não é uma abstração dramatúrgica. É uma experiência social que atravessa nossos corpos, nossas memórias e nossos medos.

O espetáculo segue transformando seus ritmos, atmosferas e estados de representação. Entretanto, a sensação de insegurança permanece. Pelo menos para mim,

[1] Diretora de Teatro;

espectadora, o impacto inicial não se dissolve nas mudanças de clima. A imagem da violência continua habitando a cena, mesmo quando ela procura outros caminhos.

Essa experiência me aproxima das reflexões sobre o grotesco, especialmente em sua capacidade de aproximar o cômico do terrível. O riso grotesco não necessariamente conforta. Pode deformar aquilo que reconhecemos como familiar, expondo suas contradições e monstruosidades.

Também encontro uma aproximação com a tradição do palhaço Augusto, figura marginal, desajustada e transgressora. Mas há uma diferença fundamental: quando a transgressão deixa de atingir as estruturas de poder e passa a reproduzir a violência contra corpos historicamente vulnerabilizados, o jogo cômico adquire outra dimensão ética.

Até onde pode ir a liberdade transgressora do palhaço? E quando a provocação deixa de produzir riso para produzir medo?

Não considero que o teatro deva proteger seus espectadores do desconforto. Ao contrário, acredito profundamente na potência de uma cena capaz de desestabilizar certezas. Mas me interessa pensar como a encenação administra esse desconforto e quais possibilidades oferece ao público para reelaborá-lo.

Nesse sentido, a direção de Larissa Latif e a atuação de Romana me colocaram diante de uma questão que ultrapassa a linguagem da palhaçaria: a relação entre representação, violência e responsabilidade estética.

A imagem do palhaço agressor permaneceu comigo. Talvez porque, diante da realidade brasileira, seja impossível reconhecer a violência contra a mulher apenas como uma ficção.

Saí do espetáculo pensando menos na comicidade e mais na permanência do medo.

E talvez essa seja uma das contradições mais inquietantes de **Uisquisito**: utilizar a figura que tradicionalmente nos autoriza a rir de nossas fragilidades para nos confrontar com uma violência diante da qual o riso se torna impossível.

Afinal, quem pode rir quando o palhaço deixa de ser o vulnerável e passa a ser aquele que ameaça?

Novembro de 2026